

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

FACULDADE DE EDUCAÇÃO

CURSO DE PEDAGOGIA – LICENCIATURA

“VOLTO QUANDO A BRINCADEIRA TERMINAR”:

O ESTRANHAMENTO DO LÚDICO NA EJA

KETULEN DIETZ EVANGELISTA

Porto Alegre

2013

KETULEN DIETZ EVANGELISTA

“VOLTO QUANDO A BRINCADEIRA TERMINAR”:

O ESTRANHAMENTO DO LÚDICO NA EJA

Trabalho de conclusão apresentado à
Comissão de Graduação do Curso de
Pedagogia – Licenciatura, da Faculdade de
Educação da Universidade Federal do Rio
Grande do Sul, como requisito parcial e
obrigatório para a diplomação em
Licenciatura em Pedagogia.

Orientadora: Profa. Dra. Annamaria Rangel

Porto Alegre

2013

*“Ensinar não é transferir conhecimento,
mas criar as possibilidades para a sua produção
ou a sua construção”*

Paulo Freire

AGRADECIMENTOS

Ao concluir este trabalho agradeço à ...

... minha mãe querida, que sempre participou de todas as etapas percorridas até chegar à tão esperada conclusão do curso;

... minha irmã que não poupou incentivos com palavras de conforto e autoestima;

... Mila que é e sempre será minha melhor amiga, estando presente em todos os momentos difíceis, ajudando-me, às vezes, só com o olhar, a ver que sempre existe uma saída;

... Vida por termos nos encontrado pelo caminho e por ter dado ainda mais alegria à minha *vida*;

... minhas amigas que foram mais que colegas de curso, sem elas jamais teria vencido esta etapa;

... minha orientadora Annamaria Rangel, por ter me orientado neste Trabalho de Conclusão de Curso, sempre com serenidade e paciência, clareando meus caminhos;

... muito Obrigada!

RESUMO

O presente trabalho de conclusão de curso analisa reações de estranhamento causadas em uma turma de Educação de Jovens e Adultos, diante do uso de jogos e dinâmicas de grupo no processo de ensino-aprendizagem. A realização de abordagens lúdicas como jogos e dinâmicas em grupo é defendida por muitos autores (Fortuna e Callois) como sendo facilitadora da aprendizagem, além de ser um importante aliado para o desenvolvimento cognitivo e psicológico humano. A motivação para o estudo surgiu durante o estágio supervisionado com uma turma de EJA em uma Escola Estadual de Ensino Fundamental de Porto Alegre. No trabalho são analisadas tais reações, positivas e negativas, com apoio do referencial teórico, tendo como base empírica registros do diário de classe, de observações da turma e das entrevistas semiestruturadas realizadas com três estudantes. Em sala de aula, foi percebido que, diante de abordagens lúdicas, especialmente jogos, os estudantes demonstravam reações negativas. Tal atitude pode ser interpretada por eles, segundo Fortuna (2001), como falta de seriedade e desocupação. No entanto, nas entrevistas, manifestaram-se a favor do lúdico em sala de aula, contradizendo o que foi observado.

Palavras-chave: Lúdico; Estranhamento; EJA.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	7
2. EJA E O LÚDICO	9
2.1 EJA: caridade do governo ou direito do cidadão?	9
2.2 LÚDICO: brincadeira ou aprendizado?	11
3. O LÚDICO E A TURMA DE T2: Contextualização da turma	13
4. PROPOSTAS LÚDICAS	16
4.1 Com Jogos	16
4.2 Com Dinâmicas	17
4.3 Reações dos alunos	18
4 "NA ÉPOCA NÃO TINHA ESSAS BRINCADEIRINHAS [em aula]": análise das entrevistas individuais	21
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	28
6. REFERÊNCIAS	30

1. INTRODUÇÃO

Neste trabalho procurei mostrar a importância do lúdico na alfabetização de jovens e adultos como peça fundamental para a compreensão do sistema de escrita. Nele, tento abordar algumas das reações que são causadas em jovens e adultos diante de propostas lúdicas.

A pesquisa se deu a partir de meu estágio curricular realizado durante um semestre letivo em uma escola estadual de ensino fundamental, situada na região metropolitana de Porto Alegre. Em frente à escola há uma praça, onde os alunos se encontram para conversar durante o recreio à noite. Ao lado encontra-se um mercado onde os alunos compram seu lanche no intervalo.

Essa região tem ampla variedade de comércios como farmácias, supermercados, restaurantes, posto de saúde e bares. O bairro em que está localizada a escola é considerado de classe média, mas possui uma comunidade carente que reside numa vila próxima.

A instituição tem seu acesso facilitado por ter algumas linhas de ônibus que passam próximas à escola. Os alunos se dividem entre os que moram nas proximidades da escola e os que trabalham perto da instituição.

A escola possui uma forte ligação relacionada ao crescimento e história do bairro, isso por que foi fundada em 1910. Devido a isso a comunidade tem a instituição como uma referência do ensino público, pois ao longo dos anos gerações estudaram nela e adquiriram confiança.

Nem todos os alunos são moradores da região, pois alguns trabalham próximo à escola, mas moram longe. Estudam na instituição devido à proximidade com seu local de trabalho.

As datas comemorativas da escola são divulgadas para que ocorra a participação de todos. Por se tratar de uma escola antiga, há muitas histórias no bairro de antigos alunos e a nostalgia está presente quando esses ex-alunos passam próximo à escola. Isso demonstra o quanto ela tem/teve um papel importante na formação de gerações tanto do bairro quanto de trabalhadores que

procuram por ter um ambiente agradável e um acesso flexível, o que faz muita diferença aos alunos da EJA.

Percebe-se o carinho que a comunidade tem em relação à escola, em que somente se conquista com um trabalho pensado no coletivo e no bem estar de todos, o que se reflete na relação que alunos e comunidade possuem com a escola.

Diante da realização de entrevistas narrativas e observação do convívio escolar, puderam-se obter subsídios para elaboração deste trabalho de conclusão. As entrevistas foram gravadas e transcritas, diferentemente das observações que foram registradas em um diário de classe. Estes textos foram explorados e analisados com o objetivo de descrever e problematizar um conjunto de reações negativas e positivas a partir de propostas de trabalho envolvendo a execução de jogos e trabalhos com artes plásticas.

O estranhamento causado diante de propostas lúdicas era exclusivamente em adultos, causando-me um forte desejo de investigação. O título deste trabalho partiu de uma proposta de dinâmica em grupo, onde uma aluna sentindo-se incomodada com tal desafio levantou-se de sua classe dizendo: Vou sair pra tomar uma água e volto quando a brincadeira terminar.

2. EJA e o LÚDICO

Neste capítulo são abordados os temas de EJA e o lúdico.

2.1 EJA: Caridade do governo ou direito do cidadão?

A Educação de Jovens e Adultos é uma modalidade de ensino que atende às etapas do Ensino Fundamental e Médio destinada, conforme a LDB no artigo 37, “(...) àqueles que não tiveram acesso ou oportunidade de estudos no ensino fundamental e médio na idade própria”. As redes Municipal, Estadual e Particular recebem, como foi mencionado anteriormente, jovens e adultos que não puderam escolarizar-se na idade apropriada por vários motivos, entre eles são mais frequentes a necessidade de trabalho e a participação na renda familiar desde a infância. Em sua grande maioria o aluno da EJA é o “migrante que chega às grandes metrópoles proveniente de áreas rurais empobrecidas, filho de trabalhadores rurais não qualificados e com baixo nível de instrução escolar”. (OLIVEIRA, 1999, p.16)

A partir dos 15 anos são aceitas matrículas de alunos, não tendo limite de idade. A função reparadora da EJA não deve estar em só admitir alunos cada vez mais jovens e adultos sem limite de idade, mas também em dar garantia de permanência e ensino de qualidade. A busca da adaptação nas escolas para receber esse público é muito lenta e gradual, afetando o progresso e permanência dele na instituição. Mas não são somente os alunos que sofrem com a falta de recursos e qualidade nas escolas, os professores também vivem esse drama:

“Desprovidos de material técnico necessário, de condições más de trabalho e de um corpo de conhecimento que possa subsidiar os desafios impostos pela prática educativa, tais professores, a grande maioria leigos, são obrigados a aceitar o desafio de escolarizar os adultos sem o mínimo preparo necessário ao bom desempenho. Muitas vezes acreditam que a militância e a opção política por um trabalho comprometido sejam suficientes para superar as dificuldades de competência no ensino de ler e escrever. Outras vezes acreditam que a simples leitura de um ou dois manuais seja suficiente para enfrentar os desafios metodológicos impostos nas salas de aulas. (HARA, 1992, p.9)

Conforme o item II do Parecer CNE 11/200, a EJA tem três importantes funções destinadas aos alunos jovens e adultos, possibilitando a eles a retomada e desenvolvimento de potenciais e habilidades, favorecendo e aprimorando os conhecimentos adquiridos na própria vida. A função reparadora tem o objetivo de

reparar o direito que anteriormente foi negado a essas pessoas, possibilitando a elas o retorno à escolarização. A função equalizadora vai dar cobertura às pessoas que tiveram uma interrupção forçada e que agora procuram qualificar-se. Já a função permanente ou qualificadora é mais que uma função, é o verdadeiro sentido da EJA, pois possibilita que os conhecimentos por toda a vida sejam considerados e reconhecidos propiciando a aprendizagem por meio da igualdade, solidariedade e universalismo.

A EJA, diferentemente das outras modalidades de ensino, caracteriza-se pela “condição de não crianças, a condição de excluídos da escola e a condição de membros de determinados grupos culturais”. (OLIVEIRA, 1999, p.16) Portanto, o ensino deve ser diferenciado, cabendo ao professor estar preparado para trabalhar com cada tipo de vida inserida na sala de aula. O olhar atento do professor é essencial para captar os interesses dos alunos, fomentando a interação professor-aluno, favorecendo a aprendizagem.

No grupo onde a pesquisa foi realizada, estava muito presente entre os alunos que a “oportunidade” de poder estudar numa idade “avançada” foi dada pelo governo como um favor. A gratidão presente na fala dos alunos dava a impressão de que não compreendiam que esse é um direito de todos os cidadãos que não puderam se alfabetizar na idade adequada e que o governo está apenas reparando o erro causado no passado.

A EJA é uma modalidade destinada apenas a Jovens e adultos diferentemente da ludicidade que não deve ser restringida somente às crianças. A EJA também deve ser contemplada por esta forma prazerosa e significativa de aprendizado.

2.2 LÚDICO: Brincadeira ou Aprendizado?

Conforme Tânia Fortuna e Caillois, o lúdico é utilizado para favorecer a aprendizagem em qualquer etapa de ensino, o lúdico define-se como um meio de desenvolver a alfabetização e o aprendizado dos alunos fomentando a interação e intervenção em seu meio social de forma prazerosa, significativa e contextualizada.

Toda a forma de jogos, brinquedos, brincadeiras, música, dança, é uma maneira lúdica e importante ferramenta na educação. O indivíduo, diante de propostas lúdicas, libera sentimentos de liberdade e espontaneidade de ação. Dessa forma, ele se torna livre de pressões e avaliações.

O lúdico não deve ser visto como um passatempo ou somente como diversão, ele deve ter intencionalidades, favorecendo o envolvimento dos alunos no trabalho coletivo e deixa-los expressar-se.

Freinet (1998) denomina de "Práticas Lúdicas Fundamentais" não o exercício específico de alguma atividade, pois ele acredita que qualquer atividade pode ser corrompida na sua essência, dependendo do uso que se faz dela. Logo, para Freinet a dimensão lúdica é:

(...) um estado de bem-estar que é a exacerbação de nossa necessidade de viver, de subir e de perdurar ao longo do tempo. Atinge a zona superior do nosso ser e só pode ser comparada à impressão que temos por uns instantes de participar de uma ordem superior cuja potência sobre-humana nos ilumina". (p.304)

Freinet (1998) refere que este "estado de bem-estar" jamais se restringe à circunscrição de nossa individualidade. Isto é, parte de uma espécie de exaltação íntima de nossa potência para a vida e atinge escalas sociais muito amplas, o que nos fará descobrir e exaltar novas potências íntimas em nosso ser que ocasionará novamente a expansão para o plano social, sendo assim uma vivência inesgotável da dimensão lúdica.

O lúdico não se restringe apenas à infância como facilitadora da aprendizagem. O adulto também deve ser beneficiado com momentos lúdicos adequados à faixa etária, tanto para contribuir na aprendizagem quanto para descontração, segundo Tânia Fortuna:

Todo lugar é lugar de brincar e toda hora é hora de brincar, em qualquer idade, quando o ato de brincar é entendido como uma forma de afirmar e renovar a vida, pois a brincadeira é tanto condição para que a vida aconteça, quanto meio para que se expresse, seja compreendida e transformada. (Fortuna, 2007)

Dessa forma, compreende-se que o lúdico e a brincadeira fazem parte da vida. Todos brincamos, embora, algumas vezes não percebamos. Basta estarmos distraídos com uma caneta na mão para fazermos várias coisas com ela, por exemplo, rolar, bater, rabiscar. Ou seja, brincar faz parte do nosso dia a dia, faz parte da vida.

3. O LÚDICO E A TURMA DE T2 Contextualização da Turma

A turma em que a pesquisa foi realizada era composta por 29 alunos, porém, em média, somente 18 alunos frequentavam as aulas. As faltas constantes e as desistências de alguns alunos era um dos problemas que mais afligia os professores e prejudicava o andamento dos estudos. Pois para avançar com algum conteúdo era preciso estar sempre lembrando os alunos que não estavam presente no dia.

Durante o estágio curricular era interessante observar o comportamento que os alunos tinham em sala, eles se preocupam muito mais com o material coletivo do que com o material individual. Comentavam quando achavam que algum colega estava danificando algum material como glossários ou trabalhos realizados em grupos e expostos nas paredes.

Entretanto, era muito presente o individualismo, pois os alunos conversavam pouco e sentavam-se separados. Isso me causou muito estranhamento, mas conforme relatos de outros professores, isso é algo comum em turmas de jovens e adultos.

A idade dos alunos variava entre quinze e sessenta e seis anos, a maioria residia na Vila Planetário ou trabalhava nas redondezas para depois do expediente deslocarem-se para a aula. Estavam presentes na sala em torno de 4 adolescentes, e o restante estava distribuído entre adultos e idosos.

Algumas alunas trabalhavam na limpeza ou eram do lar e alguns homens eram da construção civil. A escola não tem um critério para admissão de seus alunos, tendo vaga a matrícula é livre. Dessa forma, muitos alunos frequentavam poucas aulas e depois de um tempo voltavam à escola. Porém, havia os alunos que frequentavam diariamente a escola.

Nos casos de evasão, a escola mantém-se informada acerca dos alunos por telefone, ou para os jovens, através de trocas de bilhetes entre a família.

Alguns alunos tinham presença constante, entretanto outros frequentavam pouco as aulas. Sua expectativa em relação às aulas se resumia em aprender a escrever e ler. Assim consideravam que as aulas deviam ter somente matérias a

serem copiadas. Era perceptível que alguns alunos frequentavam a escola por ser um espaço, às vezes único, de interação social com outras pessoas.

A diferença de idade causava conflitos em alguns momentos em que os mais velhos se sentiam ofendidos com comentários de colegas mais novos. Era visível a facilidade que os alunos mais jovens absorviam o conteúdo em relação aos alunos mais velhos, causando desconforto e desânimo nos alunos mais velhos quando esta questão era comentada no grupo. Os jovens frequentavam as aulas, apesar de já terem se apropriado dos conteúdos, com o objetivo de realizarem a prova para avançarem de ano. Ao realizarem o teste, acabavam não indo tão bem e, dessa forma, permaneciam na mesma turma. Quando questionados sobre isso, diziam que durante o teste sofrem com o “branco” e assim continuam na sala.

Entretanto esses alunos se consideram mais “inteligentes” em relação aos mais velhos, sendo essa a causa mais frequente de indisposições entre eles. Por ser uma turma com alunos em diferentes fases de aprendizagem, sempre há um grupo que considera os temas das aulas como desnecessários, pois já sabem o suficiente para avançar de ano. As dificuldades de modo geral estão relacionadas à identificação das letras, conseqüentemente, na leitura também. Outra questão importante era a falta do uso de óculos presente nos alunos mais velhos. A grande causa do problema era a falta de recursos financeiros ou pela falta de médicos oftalmologistas no Sistema Único de Saúde. Essa situação comprometia a aprendizagem dos mesmos, pois não conseguiam copiar as palavras do quadro ou realizar leituras de livros e cadernos.

Estava fortemente presente no grupo a vontade de aprender, porém, no olhar dos alunos, a única forma de aprender era pelo modelo tradicional. Talvez isso se deve à questão de como esses alunos aprenderam no passado, que acabam interiorizando e trazendo isso para a sala de aula nos dias de hoje.

A reação dos alunos diante de jogos, brincadeiras, dinâmicas, ou seja, atividades lúdicas era muito negativa. Pois, como citado anteriormente, acreditavam aprender somente pela forma tradicional e diziam que a professora deveria escrever no quadro e eles copiarem no caderno. Certa vez, ao propor uma dinâmica com ditos populares, os alunos negaram-se a participar e uma aluna levantou-se da

cadeira dizendo que iria sair para tomar água e só voltaria quando a brincadeira terminasse.

A grande reclamação da turma era que eles saem cansados do trabalho, pagaram passagem, deixam de estar com a família e não querem “perder tempo brincando”. Nada os convencia de que poderiam aprender através de jogos.

Além da utilização de jogos, as aulas também tiveram o apoio das Artes Plásticas auxiliando na distinção de letras e números, pois as artes plásticas também desenvolvem a discriminação visual que é essencial ao processo de alfabetização”. (PILLAR, Analice Dutra, p.78).

Dessa forma, trouxemos algumas propostas de produções envolvendo o conteúdo de artes como, por exemplo, a elaboração da capa do “Envelope das Atividades”. A proposta era para que os alunos escrevessem seus nomes no envelope (onde guardariam seus trabalhos) e enfeitassem como quisessem. Os alunos mais velhos tiveram um pouco de resistência, mas acabaram realizando a proposta. Já os jovens Everaldo, Aiane, Verônica, Anderson, não tiveram resistência alguma, realizando a atividade com satisfação. A confecção do “Envelope dos Trabalhos”, nomeado assim pelos alunos, foi fundamental para a avaliação dos mesmos. Esse material teria o objetivo de acompanhar “os alunos independentemente dos avanços que poderiam produzir, devia acompanhá-los e armazenar em seu interior autoavaliações, textos e produções significantes da sala de aula” (Stramare e Sant’ana, p.207). Através deles podem-se perceber os avanços que cada aluno obteve ao longo do semestre. Além de ter sido um instrumento avaliativo docente, foi também discente, pois o material esteve no armário da escola, ao alcance dos alunos, que retiravam e visualizavam, eles mesmos, seus avanços. Escutávamos ao fundo da sala, os alunos fazendo sua autoavaliação, comparando o que não sabiam fazer e o que agora já sabem.

4. PROPOSTAS LÚDICAS

4.1 Com Jogos

Sempre acreditei que o lúdico favorece a aprendizagem em todas as faixas etárias, séries e disciplinas. Portanto, cheguei ao semestre do estágio curricular com muitas propostas em mente e com uma imensa vontade de colocar em prática tudo o que aprendi em todo o curso. Além da vontade de promover a aprendizagem através da ludicidade, havia o compromisso de garantir que aqueles alunos estivessem aprendendo, pois isso me era imposto pela professora regente da turma. Por mais que me era imposto o aprendizado dos alunos, eu não queria deixar isso transparecer em minhas aulas, e esse era mais um motivo que encontrei para deixar as aulas ainda mais lúdicas.

Ofertei diversos jogos, distribuídos em várias aulas de socialização e alfabetização. Irei descrever agora como esses jogos foram vistos pelos alunos.

Inicialmente, pretendi propor jogos com letras. Portanto a minha primeira abordagem foi com o jogo de quebra-cabeça contendo imagem, letra inicial e a palavra completa. Ao propor esse jogo, pedi para que os alunos se distribuíssem em grupos com a finalidade de promover, além da aprendizagem, a coletividade e a socialização. Para minha surpresa, a resposta dos alunos foi muito negativa, iniciando pelo desconforto que tiveram ao se deslocarem de seus lugares para formarem grupos. Os alunos eram habituados a sentarem-se muito distantes uns dos outros, além de terem a questão de gênero muito presente, pois era muito curioso o fato de que as mulheres sentavam-se somente com mulheres e os homens somente com homens.

Surgiram muitas reclamações já na primeira intervenção, logo percebi que eu teria um desafio muito complexo em demonstrar aos alunos que o jogo pode ser um facilitador da aprendizagem. As reclamações que surgiram foram as seguintes:

_ Ah não, eu tô cansado... A gente tem mesmo de trocar de lugar? – disse Aluno 1

_ Se fosse para ficar jogando “joguinho” eu tinha ficado com meus filhos... – disse Aluno 2

_ Pra quê perder tempo. – Aluno 1

A minha surpresa foi grande porque eu não esperava essa reação dos alunos, pois aprendi nas disciplinas do curso que o jogo proporcionava prazer, aprendizado, além de permitir a expressão dos discentes. Eu jamais esperava reações negativas, mas, como sabemos o fazer docente é cheio de surpresas e desafios, e diante de tais reações, não desisti e procurei levar mais jogos para tentar entender mais a fundo os motivos dessa rejeição.

Diante das reclamações, procurei levar outros jogos de alfabetização como Bingo de Letras, Forca, Caça palavras e de socialização como Tangam, Dinheiro Chinês, Material Dourado, Uno. Os jogos de socialização tinham o objetivo de aproximar a turma já que tinha muitos problemas de discussões e brigas. Porém, todos os jogos foram recebidos com pouco entusiasmo e alguns alunos não quiseram participar. Embora os alunos mais jovens faltassem às aulas com muita frequência, era perceptível a diferença com que recebiam os jogos: reuniam-se com entusiasmo em seus grupos, perguntavam as regras e se divertiam com conversas altas e risadas.

4.2 Com Dinâmicas

Na turma T2 existiam muitos conflitos entre os alunos por questões de conversas constantes entre os alunos mais jovens. Os alunos mais velhos desaprovavam o fato dos alunos mais jovens (15, 16, 17 anos) conversarem muito durante as aulas, alegando que o barulho prejudicava o aprendizado. Ocorriam muitos desentendimentos e discussões que muitas vezes terminavam em agressões verbais e quase físicas.

Em razão desse distanciamento causado pelas conversas, da distância com que se sentavam na sala e pelas questões de gênero citadas anteriormente, decidi tentar unir a turma propondo uma dinâmica em grupo chamada Dita Popular. Além de promover a leitura, essa dinâmica tinha como principal pretensão unir a turma.

A dinâmica foi proposta da seguinte forma: os ditos populares foram divididos em duas partes, por exemplo, o dito popular “Cão que ladra, não morde” deveria ter

as suas partes distribuídas entre dois alunos. E assim deveria ocorrer com vários outros ditos populares e os alunos deveriam procurar o seu par na sala de aula para completarem os seus ditos e assim concluiríamos a atividade com cada dupla lendo o dito popular completo.

Porém ao propor aos alunos a atividade, negaram-se na mesma hora. A confusão foi tão grande que houve alunos levantando para ir embora dizendo:

_ Desculpa professora, mas não vou fazer. Não estou aqui para brincar. Vou sair ali fora para tomar uma água e volto quando a brincadeira terminar. Maria de Fátima

_ Professora, pegamos ônibus, deixamos de estar com a família em casa e estamos cansados, queremos aprender e não brincar. Paulo

_ Vamos parar de perder tempo e vamos aprender. Passa conteúdo aí no quadro que a gente copia no caderno.

Eu perguntava aos alunos quais eram os motivos pelos quais eles não queriam realizar atividades lúdicas que contribuía tanto para o aprendizado de todos. E a resposta era sempre a mesma:

_ Não estamos aqui para brincar! Queremos usar o tempo que estamos aqui para aprender.

Diante dessas respostas, passei a refletir sobre quais seriam os fatores que desencadearam essa rejeição nos alunos. Surgiram-me algumas hipóteses que levantarei no capítulo de Análise das Entrevistas.

4.3 Reação dos Alunos

Conforme Tânia Fortuna considera, as atividades lúdicas no âmbito escolar são extremamente importantes para o desenvolvimento cognitivo e social do sujeito. Dessa forma o lúdico se torna algo essencial para:

(...) dominar angústias e controlar impulsos, assimilando emoções e sensações, para tirar as provas do Eu, estabelecer contatos sociais, compreender o meio, satisfazer desejos, desenvolver habilidades, conhecimento e criatividade. (FORTUNA, 2001, p.65)

As diferentes reações demonstradas pelos alunos confirmam esse misto de sensações, comprovando que a ludicidade traz à tona os sentimentos enclausurados. A possibilidade de expressar queixas, frustrações, capacidade de vencer, torna-se presente na fala do aluno 1 durante as entrevistas. Apesar de o aluno ter consciência de estar evoluindo em seu aprendizado, sentia-se extremamente frustrado, conforme sua fala, dizendo que somente sua colega Maria ganhava. Ou seja, talvez ele não se permita ganhar, transferindo essa possibilidade aos colegas.

Os adolescentes presentes em sala de aula demonstravam reações positivas, diferente das reações dos adultos e idosos. A disposição diante das propostas de jogos e dinâmicas era espontânea, pois rapidamente levantavam de suas classes, formavam seus grupos e aguardavam as instruções. Durante a execução, riam alto, conversavam, contestavam as regras, enfim, curtiam o momento de socialização.

Os alunos mais velhos tinham reações muito diferentes daquelas dos jovens. Diante das propostas lúdicas, queixavam-se que não queriam perder tempo ou que não gostavam de brincar. Talvez um dos motivos para tanto estranhamento, por parte dos adultos, seja por pensarem que a proposta lúdica “é coisa de quem não tem o que fazer”. Por conseguinte, uma atitude lúdica perante a vida é mal vista, na medida em que é mal interpretada como falta de seriedade e desocupação (Fortuna, 2007).

Os alunos da EJA têm muito conhecimento e os trazem à sala de aula. E esses conhecimentos provêm da cultura em que estão inseridos, e, conforme Vygotsky afirma, a cultura molda o psicológico do indivíduo, ou seja, determina a maneira de pensar, pois pessoas de diferentes culturas têm diferentes perfis psicológicos. As funções psicológicas de uma pessoa são desenvolvidas ao longo do tempo e mediadas pelo social, através de símbolos criados pela cultura, então acredito que por isso, as ideias docentes e discentes por algumas vezes, entraram em conflito. E considero isso um avanço enorme, pois acredito que o objetivo de formar indivíduos que pensem por conta própria foi atingido, pois o bom mestre é aquele que não doutrina os alunos para que adotem sua forma de pensar e sim que forma indivíduos que pensem de forma autônoma. Algumas vezes entramos em conflito porque, ao tentar explicar aos alunos os benefícios da ludicidade, eles

negavam estar aprendendo por meio dos jogos e sim em outros momentos da aula, como por exemplo, nos momentos em que a professora passava algum texto no quadro para os alunos copiarem.

O progresso que os alunos obtiveram a partir das propostas lúdicas era visível, porém os alunos à época negavam estar aprendendo, diferentemente das entrevistas realizadas no presente semestre, onde relataram que as abordagens lúdicas foram indispensáveis no aprendizado dos mesmos.

A questão da cultura, citada anteriormente, pode estar relacionada com o estranhamento demonstrado pelos alunos em relação ao lúdico. Talvez o jogo esteja relacionado ao lazer dos alunos que, na visão deles, não pode estar presente na escola por ser algo que se pratica quando não há mais nada para fazer.

5 "NA MINHA ÉPOCA NÃO TINHA ESSAS BRINCADEIRINHAS [em aula]": análise das entrevistas individuais.

Com a intenção de qualificar este trabalho de conclusão, realizei entrevistas com três alunos da turma T2, sendo 2 mulheres e 1 homem. O principal critério de escolha foi entrevistar os alunos que sentiam mais estranhamento perante as propostas lúdicas. O título deste capítulo tem relação à fala de uma aluna durante as entrevistas.

A aluna 2 é a mais velha dos entrevistados, mora com o marido e tem um filho morando em outro estado. Sentia-se extremamente incomodada diante de propostas lúdicas dizendo que “não gostava de brincar”.

A aluna 3 trabalha em um restaurante como cozinheira, é divorciada mora com três de seus seis filhos e dizia “não ter mais idade para ficar brincando”.

O aluno 1 é casado, trabalha como zelador e não tem filhos. Dizia que preferia “escrever no caderno a ficar brincando”. Certa vez, ao propor o jogo Uno, o aluno sentiu-se bastante desconfortável, porém sentou-se no grande grupo e participou. No dia seguinte, sua esposa foi até a escola conversar comigo, dizendo:

“Olha professora, o Aluno 1 chegou a casa ontem se queixando que a senhora deu jogo ontem pra eles *brincarem*. A senhora não está entendendo, o Aluno 1 quer aprender a ler e escrever, se a senhora passar coisa no quadro vai ser melhor pra ele aprender.”

Diante da fala da esposa do Aluno 1, se evidencia o desagrado do aluno diante das propostas lúdicas. Porém ao ser questionado, durante a entrevista, relata ter gostado das abordagens realizadas durante as aulas. Sua fala se assemelha com as respostas das outras duas alunas, contradizendo como aconteceu durante as aulas:

Entrevistadora: O que achavas quando jogávamos os jogos em sala de aula?

Aluno 1: Me lembro bem. Eu achava bom, porque foi aí que eu comecei a começar a escrever as palavras, foi por causa desse jogo. Foi até aí que eu comprei as letras móveis pra eu montar. Lá no começo eu nem sabia montar, hoje eu sei. Agora quando a professora faz um ditado, dependendo das palavras eu acerto.

Aluna 2: Esse era o principal pra gente aprender e eu nunca esqueci. Gostei muito, ele é muito bom pra gente gravar bem na cabeça e se a senhora levar para os seus alunos, eles vão gostar muito.

Aluna 3: Eu gostava, professora. Tinha colega que não queria, mas eu achava bom até pra descontrair o clima que ficava depois das brigas.

É evidente que os alunos consideram a importância do lúdico no aprendizado, pois percebem seus próprios avanços diante da execução dos jogos. Porém, durante o período do Estágio Curricular, os mesmos alunos corresponderam muito negativamente às intervenções lúdicas. Talvez pensassem estar contribuindo com meus estudos ao fazer relatos positivos acerca das abordagens lúdicas durante as entrevistas.

Lembro-me de quando o Aluno 1 chegou à aula muito entusiasmado com as letras móveis de E.V.A que havia comprado. Estava muito confiante ao dizer que iria treinar em casa e chegar à aula sabendo ler e escrever. Este é um fato interessante, porque o aluno foi motivado a comprar o material a partir de uma proposta lúdica realizada em sala. Portanto, entre todos os benefícios já citados, o lúdico também serve como motivador da aprendizagem.

A Aluna 2 se refere às propostas lúdicas como facilitadora da memorização e ainda recomenda a outros alunos. É interessante ressaltar que os três alunos entrevistados eram muito assíduos e que, portanto, não era difícil acompanhar a evolução deles. Inicialmente, a Aluna 2 tinha muita dificuldade em relacionar o som da letra à palavra, ou seja, tinha dificuldade em dizer uma palavra que se iniciasse pela letra A, por exemplo. E em poucas semanas, a evolução da aluna foi muito grande, pois a partir do jogo “quebra-cabeça”, onde o aluno deve encontrar, a partir da imagem, a letra inicial e a palavra correspondente.

Já a Aluna 3 relembra as muitas discussões entre os colegas e que, para tentar tornar o ambiente mais leve depois das calorosas discussões, eu sempre propunha jogos para descontrair e reaproximar os alunos. Portanto, ela se refere às atividades lúdicas como amenizadora dos momentos mais tensos em sala.

Continuando com as entrevistas, questionei os alunos sobre uma proposta envolvendo Educação Artística referente à produção da capa do “Envelope das Atividades”. A proposta era para que os alunos escrevessem seus nomes no envelope (onde guardariam seus trabalhos) e enfeitassem como quisessem. Os alunos mais velhos tiveram um pouco de resistência, mas acabaram realizando a proposta. Já os jovens não tiveram resistência alguma, realizando a atividade com satisfação.

A confecção do “Envelope dos Trabalhos”, nomeado assim pelos alunos, foi fundamental para a avaliação dos mesmos. Esse material teria o objetivo de acompanhar “os alunos independentemente dos avanços que poderiam produzir, devia acompanhá-los e armazenar em seu interior autoavaliações, textos e produções significantes da sala de aula”. (Stramare e Sant’ana, p.207)

Através deles pude perceber os avanços que cada aluno obteve ao longo do semestre. Além de ter sido um instrumento avaliativo docente, foi também discente, pois o material esteve no armário da escola, ao alcance dos alunos, que retiravam e visualizavam, eles mesmos, seus avanços. Eu sempre escutava ao fundo da sala, os alunos fazendo sua autoavaliação, comparando o que não sabiam fazer e o que agora já sabiam.

Realizei a mesma pergunta aos três alunos:

Entrevistadora: Lembra-se do trabalho de artes que fizemos para confeccionar o Envelope dos Trabalhos? O que achastes dele?

Aluno 1: Muito importante, só que na parte de pintura eu não era muito ligado. Mas foi uma parte importante.

Aluna 2: Ah, mas esse foi muito bom. Gostei muito!

Aluna 3: Adorei esse. Lembra que eu fiz muitos enfeites nele? Fiquei um tempão nele e até coloquei cola colorida!

A questão de gênero também pode ser uma evidência para tentar entender o motivo pelo qual o Aluno1 realizou a atividade com pouco entusiasmo. Já as outras alunas, à época do meu estágio assim como na entrevista, responderam melhor à atividade em comparação ao Aluno 1. Talvez, o aluno sentiu-se desconfortável em

se expressar através dos materiais dispostos como lantejoulas, purpurina, giz de cera, caneta hidrocor, lápis de cor. O Aluno 1 escreveu seu nome na cor preta e fez alguns enfeites também pretos.

Prosseguindo com as entrevistas, realizei mais questões referentes aos jogos em sala, destaco uma relacionada ao jogo “Bingo de Letras”:

Entrevistadora: O que achavas desse jogo de bingo?

Aluno 1: Me lembro, não ganhei nenhum. Achei bom esse jogo. Gostava também muito do jogo das dezenas (Material Dourado). A gente tinha colega que não queria...mas eu gostava.

Aluna 2: Gostava, mas gostava mais quando tu davas matemática no quadro. Porque eu queria aprender a fazer conta e escrever. Eu aproveitei muito essas aulas.

Aluna 3: É, era bom. A gente se reunia e jogava, não tenho muito o que dizer sobre ele.

Na fala dos alunos podemos perceber que apesar de estarem dizendo que gostavam dos jogos, é evidente que preferiam outros momentos da aula, como por exemplo, a matemática. Em aula, os alunos sempre diziam que não gostavam de matemática, porém sempre pediam para resolver contas e explicações no quadro. Essa relação que os alunos tinham com a matemática sempre me intrigou muito, e seria um estudo interessante a ser aprofundado futuramente.

Em comparação ao jogo de letras, questionei o aluno 1 sobre qual havia sido sua visão em relação ao jogo “Uno”.

Entrevistadora: Lembras-te deste jogo? O que achavas dele?

Aluno 1: Me lembro desse jogo de cartas. Eu achava bom, mas sem querer desfazer esse jogo que a senhora levou, eu gostava mais daquele que tinha letras (Bingo de Letras).

Podemos perceber que na fala do aluno há uma preferência por jogos contendo letras. Isso pode se dever à concepção de que só estariam aprendendo se houvessem letras nos jogos e que sem a presença delas, estariam apenas

“perdendo tempo”. É importante salientar que a aversão era durante todos os jogos, mas se agravava quando os jogos não tinham letras.

Segui com as entrevistas questionando os alunos sobre como eram seus tempos de escola, pois essa é uma hipótese que levanto para justificar o estranhamento sofrido pelos alunos em relação, principalmente, aos jogos. Inicialmente, eu pensava que esse estranhamento era devido à ausência de jogos nas salas de aula e ao ensino tradicional de antigamente, já que os alunos negavam-se a praticar os jogos propostos e pediam para que eu escrevesse no quadro para que eles copiassem no caderno para aprender. No entanto, as respostas dos alunos me surpreenderam tanto, que eu desconstruí totalmente essa hipótese levantada.

Entrevistadora: Frequentaste a escola na infância? Como era a escola naquela época?

Aluno 1: Frequentei. Quando eu passei para a 3ª série, tinha 13 anos e daí para frente não quis mais estudar, então disse para minha mãe que eu queria trabalhar. Ela disse que eu iria me arrepender e me arrependi mesmo, porque hoje a gente está mais velho e tem outra cabeça. Eu também pensava que era mais difícil estudar e agora eu vejo que não é.

Entrevistadora: Que tipos de atividades você fazia na escola quando criança?

Aluno 1: Jogava bola, bolita, pião.

Entrevistadora: Pergunto nas aulas.

Aluno 1: A gente tinha recreio que nem aqui. E brincava no recreio, não tinha muita coisa.

Entrevistadora: Mas você não escrevia no caderno?

Aluno 1: Sim, escrevia. A gente levava tema pra casa, mas eu nem fazia. Diferente de hoje, que assim que eu chego em casa, pego meu caderno e faço logo. Eu presto muita atenção e não gosto quando ficam conversando sem ouvir a professora. Tem que prestar atenção e olhar para o quadro para aprender.

Entrevistadora: Tu achas que se aprende com jogos?

Aluno 1: Claro! Se prestar atenção aprende. Tem gente que não gostava desses jogos, mas se prestassem atenção iam aprender.

Entrevistadora: Tu sabes me dizer quais eram os motivos dos colegas de não gostarem dos jogos?

Aluno 1: É porque não prestavam atenção. Às vezes não prestavam atenção e acabavam se perdendo, daí não gostavam.

Surpreendendo-me com sua resposta, podemos inferir que as principais lembranças da escola desse aluno estão nas brincadeiras e nos jogos, pois essa foi a primeira lembrança quando questionado. Eu esperava que o aluno fosse responder que se lembrava de escrever no caderno, pois durante meu estágio de docência, foi o que o aluno mais solicitava. Talvez o motivo de solicitar constantemente a escrita no caderno, pode ser devido à carência desse recurso no passado.

No estágio de docência, o aluno recusava-se a participar das propostas lúdicas, porém não demonstra esse desconforto nas entrevistas. Isso pode se dever à:

(...) ação quando o entrevistado possui informações que supostamente acha que podem ser ameaçadoras ou desqualificadoras para si ou para seu grupo, ou ao contrário, inclui informações que, do seu ponto de vista, podem trazer uma visão mais favorável dos mesmos. Não podemos deixar de considerar o entrevistado como tendo um conhecimento do seu próprio mundo, do mundo do entrevistador e das relações entre eles. Ao mesmo tempo em que há a representatividade da fala, há os ocultamentos e distorções favoráveis. (Osório, Mário. 2002, p.04)

Podem ser essas as causas pelos quais os alunos relataram reações diferentes daquelas apresentadas durante o estágio de docência. A distorção analisada durante os relatos podem representar, na visão dos entrevistados, desqualificação por não gostarem de atividades lúdicas ou poderiam estar pensando que alguém da Universidade estaria ouvindo as gravações e, caso dissessem que não gostavam de alguma parte das minhas aulas, poderia me comprometer de alguma forma.

Realizei a mesma questão à aluna 2:

Entrevistadora: Frequentaste a escola na infância? Como era a escola naquela época?

Aluna 2: Sim, fui na aula mas parei porque queria jogar bola com os guris. Me arrependo muito disso, mas naquela época a gente apanhava muito dos professores com vara de marmelo nas mãos. Meus dedos inchavam muito e meus pais não podiam dizer nada. E mesmo não querendo aprender e com os dedos inchados, eu olhava para a professora e dizia que eu não queria aprender. Eu pulava a janela e ia jogar bola.

Nesta fala é possível perceber a presença forte do jogo na infância da aluna e a maneira que ela lidava com isso, ou seja, preferia perder aulas para jogar. Dessa forma, procurei levantar uma hipótese para tentar compreender as reações de estranhamento manifestadas pela aluna durante o meu Estágio de Docência. O fato de fugir e faltar aulas para jogar, ficou no passado da aluna 2 de forma negativa, pois conforme sempre relatou durante as aulas, arrepende-se muito de não ter estudado naquela época. A aluna pode relacionar o jogo à época em que não levava os estudos a sério e, segundo ela, ficava “perdendo tempo ao invés de aprender”. Dessa forma, na visão da aluna, a relação entre aprendizagem e jogos não podem fazer associação, já que a aluna quer deixar para trás aquele tempo em que não se dedicava aos estudos.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Podemos perceber que o lúdico no ambiente escolar sofre ambiguidade entre os alunos. De um lado há os jovens que enxergam as propostas lúdicas com positividade e entusiasmo. Porém, de outro lado, há os adultos que reagem de forma negativa ao se depararem com tais propostas.

Não se pode negar que a ludicidade deve estar presente em todas as faixas etárias, e que todos os alunos, pequenos ou não, devem ser contemplados com essa forma prazerosa e significativa de aprendizagem. Ao longo do trabalho, houve a busca incansável para tentar encontrar respostas à pergunta de pesquisa. A forma de responder a essa questão foi feita em forma de levantamento de hipóteses, ou seja, após estudar os textos escritos durante o Estágio Curricular e analisar as entrevistas, foi possível realizar o levantamento de algumas hipóteses para entender os motivos desse estranhamento.

Diante das hipóteses levantadas no capítulo anterior, considero importante destacar as mais relevantes. Verificou-se que os alunos percebiam a diferença entre os jogos de socialização e os de alfabetização, tendo preferência pelos jogos de alfabetização, argumentando aprenderem mais. Essa hipótese foi levantada a partir do relato do Aluno 1 que diz preferir o jogo Quebra-cabeça de letras ao jogo Uno.

Outra hipótese pôde ser levantada a partir da fala da Aluna 2, ao relatar que na infância preferia jogar bola a aprender nas aulas. Ela afirma se arrepender dessa atitude do passado e que agora está levando a sério os estudos. Pode-se identificar que na infância o jogo era a motivação para faltar às aulas. Portanto hoje, o jogo não tem mais espaço, já que os alunos estão “levando a sério os estudos”. As conversas em aula, durante meu Estágio Curricular, afirmam essa hipótese, pois, sempre que eram propostos jogos, os alunos pensavam que estávamos preenchendo um momento sem atividades escritas. Por mais explicações que os alunos recebessem acerca dos jogos, justificando que era para promover a aprendizagem, era difícil perceber algum tipo de aceitação.

Na turma havia casos de brigas entre os adultos e os jovens. Os adultos incomodavam-se com as conversas entre os mais jovens. Após os desentendimentos eu propunha jogos de socialização com o objetivo de reaproximar

a turma. Diante disso, verificou-se que após um período de reflexão, a Aluna 3 percebeu que os jogos de socialização contribuíam para integrar a turma após brigas em aula.

Podemos concluir que o estranhamento do lúdico na Educação de Jovens e Adultos é bastante complexo e requer um período de investigação. A partir dos documentos escritos e das entrevistas realizadas com os alunos pôde-se levantar hipóteses consideráveis para justificar os motivos que causam estranhamento nos alunos, porém acredito que esse amplo assunto requer mais aprofundamento com a finalidade de investigar mais afundo essa questão.

6. REFERÊNCIAS

CAILLOIS, R. **Les jeux et les hommes**. Paris: Gallimard, 1958.

FREINET, C. **Ensaio de Psicologia sensível**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

FORTUNA, Tânia Ramos. **A Dimensão humana da Docência**. **Pátio Revista Pedagógica**. Porto Alegre, ano 11. N. 2007.

HARA, Regina. **Alfabetização de adultos: ainda um desafio**. São Paulo: Cedi, 1991.

LDBEN/1996

OLIVEIRA, Marcos Barbosa e OLIVEIRA, Marta Kohl. **Investigações Cognitivas**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1999.

OSÓRIO, Mário. **A entrevista na pesquisa em Educação: a prática reflexiva**. Brasília: Plano Editora, 2002.

Parecer 11/200 do CNE. Relator: Jamil Cury.

PILLAR, Analice Dutra. **O papel do professor nas aulas de artes**. UFRGS: Porto Alegre, s/ data.

STRAMARE, Odilton Antônio e SANT'ANNA, Sita Mara Lopes. **A Avaliação na EJA: uma experiência do ensino fundamental para a formação de educadores de jovens e adultos**. Porto Alegre: Editora Mediação, 2004.